

## “GRANDE SERTÃO” NA IMPRENSA DOS EUA: A RECEPÇÃO MIDIÁTICA DE “THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS”

“GRANDE SERTÃO” IN THE U.S. PRESS: THE MEDIA RECEPTION OF  
“THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS”

Gilberto Alves Araújo<sup>1</sup>  
Lívia Aparecida de Almeida e Sousa<sup>2</sup>  
Eliene Rodrigues Sousa<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo investiga a recepção midiática de *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, na imprensa dos EUA (1963-1970), examinando como resenhas, colunas e listas de bibliotecas traduziram socialmente o romance em inglês. Metodologicamente, compõe-se um *corpus* sistemático de jornais (*Newspapers.com*), em 35 textos, com codificação indutivo-dedutiva de categorias (“Brazilian Western”, dificuldade em tradução, metafísica/experimentalismo, exotização vs. historicidade) e comparação transversal por ano e veículo. Teoricamente, articulam-se sociologia da tradução e estudos midiáticos de circulação (Sapiro, 2016; Thompson, 2021), paratextos (Batchelor, 2018), a noção de “born-translated” (Walkowitz, 2015), domesticação/fluência (Venuti, 2019) e “modos de apego” (Felski, 2020; 2015). Os resultados indicam a estabilização de um regime ambivalente de legibilidade, no qual rótulos domesticadores facilitaram a entrada do leitor enquanto a “dificuldade” foi convertida em valor estético. Evidenciam também a centralidade de metadados, capas, orelhas e press releases na formação de expectativas, e mostram o deslocamento da avaliação do “estilo” para a mediação tradutória, com sugestões de leitura gradual que moldaram a circulação transnacional do romance em tela. O estudo sugere que a fortuna crítico-midiática internacional da obra dependeu menos de uma essência intraduzível e mais da engenharia de mediações que a tornaram legível.

**Palavras-chave:** Tradução; crítica literária; recepção midiática de massa; literatura latino-americana; circulação internacional de materiais.

**ABSTRACT:** This article investigates the media reception of *The Devil to Pay in the Backlands* (1963), by Guimarães Rosa, in the U.S. press (1963-1970), examining how reviews,

<sup>1</sup> Doutor em Linguística e Comunicação pela School of Literature, Language and Media, University of the Witwatersrand (Wits), África do Sul; e Professor Adjunto do PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada. Professora de Língua Portuguesa D 404 da Universidade da Força Aérea (UNIFA). Professora da Pró-Reitoria de Extensão da UNIFA.

<sup>3</sup> Doutora em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins -UFT, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura- PPGL - Atuou com professora substituta de português e inglês no Instituto Federal do Tocantins - IFTO - campus de Araguaína e Campus de Araguaatins. Professora de português na SEDUC.

columns, and library lists socially translated the novel into English. Methodologically, the study assembles a systematic newspaper *corpus* (*Newspapers.com*), comprising 35 texts, with inductive-deductive coding of categories (“Brazilian Western,” difficulty in translation, metaphysics/experimentalism, exoticization vs. historicity) and cross-sectional comparison by year and outlet. Theoretically, it brings together the sociology of translation and media circulation studies (Sapiro, 2016; Thompson, 2021), paratexts (Batchelor, 2018), the notion of “born-translated” (Walkowitz, 2015), domestication/fluency (Venuti, 2019), and “modes of attachment” (Felski, 2020; 2015). The results indicate the stabilization of an ambivalent regime of legibility, in which domesticating labels facilitated reader entry while “difficulty” was converted into aesthetic value. They also demonstrate the centrality of metadata, covers, jacket copy, and press releases in shaping expectations, and show a shift in evaluation from “style” to translational mediation, with recommendations for gradual reading that molded the novel’s transnational circulation. The study suggests that the work’s international critical-media reception depended less on an untranslatable essence than on the engineering of mediations that made it legible.

**Keywords:** Translation; literary criticism; mass media reception; Latin American literature; international circulation of materials.

## 1 Introdução

Publicado em 1956, *Grande sertão: veredas* consolidou-se como um marco da prosa brasileira ao articular, em registro épico-filosófico, uma poética de alta experimentação linguística e uma reflexão radical sobre destino, ética e violência sertaneja. A estreia anglófona do romance ocorreu em 1963, pela Alfred A. Knopf, sob o título *The Devil to Pay in the Backlands*, em tradução de James L. Taylor e Harriet de Onís, projeto que combinou redes editoriais, paratextos de legitimação e mediações variadas para tornar “legível” uma obra considerada praticamente intraduzível.

A recepção de 1963 foi amplamente “mediada” por resenhas e colunas em jornais como *The New York Times*, *The Baltimore Sun*, *The Washington Post*, *The Virginian-Pilot* e *The Atlanta Journal*, que tenderam a sintetizar o enredo e a traduzir socialmente o romance por analogias genéricas (o “Brazilian Western”), etiquetas morais (“forças da natureza”, “bandidos do sertão”) e advertências quanto aos limites de avaliar “estilo em tradução”. Esse primeiro horizonte crítico apresentou *Backlands* ao leitorado generalista e instituiu protocolos de legibilidade que influenciariam leituras posteriores e a própria circulação de Rosa em inglês.

Entre 1963 e 1970, consolidou-se um padrão ambivalente. Enquanto listas, boletins de bibliotecas e “notas de novidades” reiteravam sínteses e rótulos, algumas resenhas passaram a problematizar a mediação tradutória e a inteligibilidade de Rosa em inglês. A crítica, por vezes, ancora a dificuldade na poética rosiana (jogo linguístico, oralidade, neologismos), e, por outras vezes, a atribui às opções da tradução, com julgamentos que oscilam entre reconhecimento do valor do autor e denúncia de “perdas” estilísticas. Essa oscilação ajuda a explicar por que *The Devil to Pay* foi, no período, muito lembrado como ápice da trajetória de Rosa.

Justifica-se, assim, um estudo que recupera e analisa a recepção midiática de *The Devil to Pay in the Backlands* nos EUA entre 1963 e 1970. Em termos historiográficos, trata-se do momento inaugural de circulação anglófona do romance. Em termos teórico-metodológicos, é um laboratório privilegiado para observar como a imprensa cultural “traduziu” para seu público

uma obra canônica via enquadramentos genéricos, paratextuais e avaliativos.

Este estudo, portanto, amplia e qualifica substancialmente o escopo inaugurado por Silva (2014), que mapeia sobretudo a recepção de 1963 com base na Estética da Recepção e na crítica da tradução, inventariando periódicos do “ano de estreia” e discutindo a mediação tradutória e a correspondência autor-tradutor como ferramentas de leitura daquele momento inicial. Em diálogo crítico com Krause (2015), que atribui a morna acolhida de *The Devil to Pay in the Backlands* a um efeito de má-tradução cumulativa, decorrente da combinação de múltiplas mãos, procedimentos de domesticação e intervenções editoriais que teriam nivelado idioletos, ritmos e neologismos do original, o presente trabalho propõe um recorte mais longitudinal (1963-1970) e uma abordagem comparativa de enquadramentos midiáticos que atravessam gêneros jornalísticos (resenha, coluna, listas de biblioteca).

Assim, enquanto Krause (2015) enfatiza onexo causal entre opções tradutórias e juízos críticos na imprensa, aqui examinamos também como dispositivos paratextuais (por exemplo, o rótulo “Brazilian Western”) foram sendo reativados e ressemantizados ao longo da década, tensionando a exotização, as teleologias de progresso e a densidade metafísica do romance em tradução (cf. Silva, 2014). Além disso, incorporamos um repertório teórico atualizado dos estudos midiáticos e de circulação cultural (Felski, 2015; Mbembe, 2019; Walkowitz, 2015; Venuti, 2019), que permite interpretar a crítica jornalística não apenas como juízo estético, mas como prática de mediação e de produção de legibilidade transnacional. Desse modo, ampliamos a hipótese de Krause (2015), centrada na “má-tradução”, para um modelo de múltiplas mediações, capaz de explicar oscilações, entre 1963 e 1970, quanto à dificuldade, às “perdas” em tradução e às disputas de legibilidade entre regimes de leitura.

Diante desse quadro, o presente artigo investiga, portanto, a trajetória de *The Devil to Pay in the Backlands* na imprensa dos Estados Unidos entre 1963 e 1970, reconstruindo o mapa midiático de sua recepção e os padrões de enquadramento que a organizaram, observando também como essas matrizes se reconfiguram ao longo da década. Ao considerar paratextos editoriais e midiáticos como operadores de legibilidade (ver. Walkowitz, 2015; Batchelor, 2018), o estudo mostra de que modo capas, prefácios, orelhas, *press releases* e resumos veiculados moldaram as expectativas de leitura do público anglófono. Nesse percurso, indaga-se também se diagnósticos como “perda de poeticidade” e “rigidez” foram mobilizados primordialmente como críticas ao processo tradutório ou se foram projetados como traços imanentes do texto rosiano em inglês.

Ao articular esses vetores, a análise pretende contribuir para a história de circulação de *Grande sertão: veredas* em língua inglesa, oferecendo uma interpretação sustentada por um corpus jornalístico sistematicamente mapeado e temporalmente estratificado.

Com efeito, este texto se organiza em mais seis seções. Uma de fundamentação teórico-metodológica e corpus, que explicita os referenciais, os procedimentos de coleta e de análise de resenhas, colunas e listas de biblioteca nos jornais estadunidenses. Outra seção volta-se à análise de enquadramentos midiáticos inaugurais (1963), na qual se discutem a tensão entre exotização e densidade metafísica e os protocolos de legibilidade então propostos pelos jornais. Ainda outra seção aborda representações adicionais e disputas de valor em torno do romance de Rosa (1963). Mais uma seção se destina a explorar outros regimes de leitura (1964-1970), que acompanham deslocamentos críticos, o papel dos paratextos e a centralidade da dificuldade em tradução. Outra seção aponta implicações para uma pedagogia da leitura de obras traduzidas do Sul para o Norte global, propondo reflexões sobre um ensino que problematize etiquetas domesticadoras, e promova uma leitura responsiva, conciliando estranhamento formal e historicidade local. Por fim, temos as considerações finais, que sintetizam os resultados, indicam

os limites do estudo e sugerem desdobramentos investigativos adicionais.

## 2 Fundamentação teórico-metodológica

Este estudo se fundamenta, de um lado, na sociologia da tradução, nos Estudos Culturais e na história do livro/mídia para compreender como esta obra chega ao leitorado de outra língua por meio de cadeias institucionais e dispositivos de validação. Nesse sentido, Sapiro (2016; 2015) permite mapear a conversão de capital simbólico em circulação internacional, enquanto Thompson (2021) explora as lógicas editoriais e infraestruturas de mediação que modulam oferta, catalogação e visibilidade. Em paralelo, Price (2019) ajuda a reconstituir a vida social de textos em formatos curtos (boletins, listas de biblioteca, colunas de novidades), mostrando como esses micro-paratextos descrevem livros e regulam expectativas de leitura.

Essa camada sistêmica dialoga com Walkowitz (2015), para quem o romance circula “nascido traduzido” por um conjunto de rótulos, resumos e equivalências que o tornam reconhecível no circuito global. Dialoga também com Felski (2015; 2020), que desloca o foco do “desmascaramento” para os modos de apego, isto é, para as razões práticas e afetivas pelas quais leitores e instituições investem atenção numa obra estrangeira.

Por outro lado, articulamos crítica da tradução/mídia e estudos de paratextos para examinar como o valor literário se negocia no périplo midiático. Assim, Batchelor (2018) enfatiza que capas, orelhas, *press releases* e notas de imprensa atuam como operadores de legibilidade. Venuti (2019), por sua vez, problematiza a ideologia da fluência e a domesticação, cruciais para compreender por que títulos, subtítulos e sinopses tendem a converter a diferença formal em familiaridade de gênero.

Em perspectiva midiática, Couldry e Hepp (2017) nos permitem ler resenhas, colunas e listas de biblioteca como engrenagens de construção mediada da realidade. Elas não parecem espelhar um Rosa em inglês, mas configuram enquadramentos que disciplinam o ritmo de leitura, qualificam a dificuldade, oferecem analogias e organizam expedientes. Assim, os impressos culturais avaliam e ensinam a ler.

Por fim, incorporamos perspectivas críticas sobre a circulação cultural Sul-Norte que tensionam a exotização e a universalização. A reflexão de Mbembe (2017; 2019) e debates decoloniais afins (Mignolo & Walsh, 2018) ajudam a identificar quando etiquetas midiáticas transformam diferenças históricas em espetáculo paisagístico ou em moralismo abstrato, e quando, ao contrário, abrem espaço para reconhecer a densidade estética do texto traduzido.

O *corpus* foi constituído por busca sistemática no *Newspapers.com*, restrita a jornais dos Estados Unidos, em inglês, entre 1963 e 1970, por uma simples questão de disponibilidade e registro. Esse intervalo abrange o lançamento da tradução e o ciclo inicial de estabilização de sua recepção, antes das mudanças de horizonte crítico nos anos 1970. Esse processo recuperou, portanto, 35 publicações pertinentes (ver. <https://tinyurl.com/TheDevilToPay>).

A pesquisa combinou cadeias de termos e variações ortográficas (“The Devil to Pay in the Backlands”; “Devil to Pay” e “Guimaraes/Guimarães Rosa”; “Backlands” e “Rosa”). Assim, os textos foram incluídos quando mencionavam explicitamente o romance e/ou o autor e pertenciam a três gêneros midiáticos: resenhas avaliativas, colunas (sínteses, entrevistas, notas) e listas/boletins de biblioteca, tratadas como paratextos institucionais indicativos de circulação e consagração (ver. Batchelor, 2018; Price, 2019).

A análise combinou a leitura atenta de passagens tipificadoras e a codificação temática indutivo-dedutiva, com categorias como “Brazilian Western”, “dificuldade de leitura/tradução”, “metafísica/experimentalismo”, “exotização vs. historicidade” e “marketing editorial”. Essa análise foi acompanhada da atenção a marcas paratextuais (título, subtítulo, menções ao tradutor e à editora) e de comparações transversais por ano e região (cf. Venuti, 2019; Couldry & Hepp, 2017). Para evitar supercontagem, conteúdos capturados foram contabilizados uma única vez por veículo, assegurando representatividade da recepção inicial do romance nos jornais estadunidenses (ver. Thompson, 2021; Sapiro, 2016).

### 3 Do faroeste ao estranhamento nos enquadramentos midiáticos iniciais (1963)

Tão logo a tradução inglesa de *Grande sertão: veredas* é lançada nos EUA (1963), a crítica jornalística anglófona começa a operar sob duas macro-perspectivas de leitura que se repetem e se tensionam mutuamente. Por um lado, o romance traduzido é “domesticado” ao repertório do Norte Global, isto é, aproximado do imaginário do faroeste estadunidense. Por outro, a imprensa sublinha sua diferença formal e a densidade metafísica de uma narrativa que resiste a um consumo rápido. O modo como essas perspectivas são ativadas varia por jornal e por seção, mas delinea um padrão de recepção que articula exotização do sertão e a tentativa de universalização de seus dilemas éticos.

O rótulo “Brazilian Western” opera, no corpus deste estudo, como dispositivo paratextual de enquadramento genérico que antecipa protocolos de leitura e orienta a recepção internacional (cf. Walkowitz, 2015). No *The Baltimore Sun* (14 abr. 1963), essa abordagem classificatória surge já no lead (“Faroeste Brasileiro”), mas é imediatamente tensionada por um efeito de estranhamento estilístico: “How true! The unusual narrative style and power of Guimaraes Rosa [...] cast its magic with the first page. I remained enthralled, transported to a distant, alien land”. O gesto de nomeação, portanto, não fixa o sentido. Ele baliza um horizonte de expectativas que o próprio texto desestabiliza ao deslocar o western para um registro de alta densidade poética e experimental.

No *The Miami Herald* (26 mai. 1963), reaparece o impulso pedagógico de rotular, “You might say this is a Brazilian western”, seguido, porém, de uma reorientação hermenêutica que privilegia a interioridade metafísica: “It is the soul-searching of a man who ponders the nature of evil and the power of Satan”.

À luz dos Estudos Culturais, lê-se aí a negociação entre legibilidade mercadológica e singularidade estética na circulação transnacional de gêneros (ver. Walkowitz, 2015). O afeto gerado pelo “encanto” e pela necessidade de transportar sentidos entre culturas evidencia, ainda, como rotulações globais articulam emoções que tornam o “exótico” inteligível na tentativa de não neutralizar sua alteridade (ver. Ahmed, 2014).

Essa metáfora funciona como língua franca de leitura para narrativas de fronteira, traduzindo signos brasileiros em violência difusa, códigos de honra e paisagens extensas. Ao aproximar Rosa de um “faroeste metafísico”, a imprensa oferece ao leitor um “mapa afetivo” conhecido, que se relaciona a bandos, emboscadas, travessias, dilemas morais e paisagem indomada. As perdas (reificação do sertão como wilderness intemporal, apagamento de mediações históricas regionais) existem e são substantivas. Mas, os ganhos também o são. Além de conferir densidade moral instantânea ao romance de Rosa, a abordagem adquire ressonância que supera a ideia de “documento exótico”. Em termos de circulação transnacional, esse atalho foi provavelmente decisivo para a acolhida da obra nos EUA de 1963, ainda que morna (ver.

Krause, 2015).

Pode-se ler, portanto, o “western metafísico” tanto como redução quanto como operação de transcodificação. A linguagem midiática precisou encontrar, no seu repertório, um molde que tornasse o romance compartilhável. O risco é que o molde se torne a mensagem, e o sertão “desapareça” como história concreta para sobreviver como cenário de espetáculo.

No *Ledger-Star* (20 abr. 1963), a operação comparativa é conduzida por meio de um gesto retórico de hipérbole, sinteticamente condensado no enunciado: “American West was child’s play compared to the brutal chaos of Northeast Brazil”. A formulação, ao contrapor o Oeste/Western americano, já mitificado, a um “caos brutal” imputado ao Nordeste brasileiro, produz um efeito de espetacularização da alteridade e de “othering” que ecoa diagnósticos recentes dos Estudos Culturais sobre exotismo e colonialidade (ver. Mbembe, 2019; Mignolo & Walsh, 2018).

Essa abertura, ao investir numa economia do sensacional, opera como dispositivo de enquadramento. Antes do texto literário falar por si, o horizonte de expectativas é calibrado para reconhecer dureza e excesso, deslocando a atenção do trabalho literário formal para o choque temático, uma dinâmica afinada à crítica da visualidade imperial e de regimes de percepção que hierarquizam diferenças (ver. Hartman, 2019).

Essa moldura hiperbólica também hierarquiza os termos da comparação. De um lado, vemos o Oeste domesticado pela familiaridade mítica. De outro lado, notamos um Nordeste ampliado como “brutal chaos”, cuja diferença é convertida em espetáculo. Esse mecanismo combina exotização e valoração estética em forma de “gimmick” cultural, isto é, a promessa de intensidade como atrativo mercadológico (ver. Ngai, 2020).

Ao organizar a recepção nesse viés, o juízo crítico é orientado pelo pitoresco e pelo perigoso, relegando a segundo plano, em princípio, os procedimentos estéticos que singularizam a obra. Esse movimento acaba, inevitavelmente, dialogando com leituras sobre a captura afetiva e securitária do “Outro” na cultura midiática (ver. Puar, 2017).

É significativo, portanto, que o reconhecimento dos méritos literários venha a reboque desse primeiro impacto. Só “depois” o texto jornalístico admite uma “poetic prose” e a complexidade do enredo e da voz do narrador.

Em termos persuasivos, a recepção atrai-se pelo imaginário de risco e excesso que promete novidade e intensidade, para, em seguida, legitimar o romance como arte, reconhecendo a tessitura poética e a arquitetura narrativa. Esse vaivém revela a negociação entre diferença cultural e consagração estética típica de redes globais de circulação simbólica (ver. Mbembe, 2019).

A leitura anglófona de Rosa aproxima o leitor de repertórios familiares (o western, a paisagem da “fronteira”, os bandos armados) e também o desloca para um problema ético-filosófico (o pacto, a culpa, a coragem, a aprendizagem de viver) que aspira à universalidade.

Desde cedo, os jornais explicitam essa equação. O *The Des Moines Register* (14 abr. 1963) formula a hibridização de modo ilustrativo – “a cross between Cervantes’ Don Quixote and an American Western” – e desloca o ponto focal para as relações de Riobaldo com Diadorim e com o diabo: “the real concern of the book is with two enigmatic relationships [...Diadorim and] with the Devil (Had he really made a pact...?)”. O gesto, assim, situa o romance num contínuo que vai do “alto” cânone europeu ao gênero popular norte-americano e, ao mesmo tempo, recentra o problema moral como eixo estruturante da leitura.

Esse movimento reaparece, com variações, em outros veículos estadunidenses em 1963.

No *The Houston Post* (28 abr. 1963), a “periculosidade” que inquieta Riobaldo é deslocada para dentro: “the danger” é “the precarious balance of good and evil within himself”. O texto ressalta que não se trata “only [...] about Brazil”, mas de uma obra de alcance universal, insistindo que “it is time that we too have the opportunity to know this distinguished work”. A fórmula retórica, ao mesmo tempo exortativa e justificadora, revela um modo típico de mediação do jornalismo cultural que consiste em apresentar a obra estrangeira como descoberta necessária, digna de atenção, e alinhá-la a padrões de valor reconhecíveis por sua audiência.

Se pensarmos essa recepção pelo prisma dos estudos contemporâneos da tradução, a oscilação entre ancoragem local (o sertão como *backlands*) e universalização ética aproxima-se de debates recentes sobre as políticas de legibilidade na circulação transnacional. Nesse sentido, a imprensa estadunidense captou intuitivamente esse vai-e-vem entre traduzir para perto (o western) e sublinhar o irredutível (a linguagem, as quebras rítmicas, os neologismos).

A própria imprensa registra essa fricção. O *The Houston Post* (28 abr. 1963) adverte: “It is hard to assess the style of a book in translation”, mas mesmo assim arrisca uma caracterização (“formality and restraint”), como se o inglês operasse “as a dam to control a flood of words and events”. Nessa imagem, a tradução é uma barragem que “contém” a torrente verbal de Riobaldo, metáfora que ecoa debates atuais sobre “domesticação por fluência” como tecnologia de controle estilístico de textos vindos da periferia linguística.

A partir da agenda contemporânea dos estudos de circulação literária, também se percebe como essa recepção jornalística formula “protocolos de acesso” ao leitor não especializado. Nesse sentido, *The Devil to Pay in the Backlands* não foi “nascido traduzido” (ver. Walkowitz, 2015), mas, nos EUA de 1963. Foi “feito legível” por um conjunto de mediações que o enlaçam a gêneros familiares, etiquetas de prestígio (o selo Knopf) e perspectivas morais universalizantes. É assim que resenhas, sinopses de colunas e listas de bibliotecas fazem esse trabalho de tradução social, aproximando e normalizando, mesmo quando reconhecem que há ali um excedente formal que escapa.

Essa tensão aparece com clareza em uma família de textos que não se arriscam em leituras extensas, mas difundem imagens-sintetizadoras da obra. O *Wellsville Daily Reporter* (11 abr. 1964) registra o romance como “sweeping novel of northern Brazil”, negligenciando o fato de que o Norte é outra parte do imaginário brasileiro, distinta do Nordeste ou do sertão de Minas Gerais. Já o *Chino Champion* (9 mai. 1963) repete a mini-sinopse: “feuding bands of outlaws spring to life in this raw country of superb wildlife, where man is pitted against nature, man and evil”.

Esses microtextos funcionam como interfaces de circulação, não interpretam per se, mas condensam, modulam o imaginário de leitura antes que ela ocorra. Quando um jornal local repõe a etiqueta “bandits outlaws” e “forces of nature”, confere a ele uma função de mercado simbólica, codificando índices de legibilidade que asseguram um horizonte de expectativas minimamente estável.

Nesse sentido, a entrada do selo e do preço (“Knopf, \$5.95”) que vemos aparecer em diversas notas de 1963 (por exemplo, *Kansas City Star*, 12 mai. 1963; *Houston Chronicle*, 5 mai. 1963) deixa de ser detalhe de rodapé para tornar-se sintoma do que mais tarde se chamaria de práticas de midiatização do livro (ver. Price, 2019). A menção ritual ao selo e ao preço sinaliza pertencimento a um circuito de alta literatura traduzida, operando como marca de confiança e, ao mesmo tempo, como promessa de valor para o leitor que precisa decidir o que comprar, reservar na biblioteca, recortar para o clube de leitura. É nessa dobradiça, entre a decisão do catálogo e a curadoria midiática (ver. Sapiro, 2016), que a imprensa local dá coesão à imagem de

Rosa para um público absolutamente novo.

#### 4 Representações do romance rosiano e outras disputas de valor (1963)

Quando passamos da nota curta à resenha longa, os jornais revelam expectativas formais que organizam seu crivo de valor. Essa dimensão, que hoje debatemos sob o sinete da comunidade de leitura e das condições midiáticas da recepção, aparece ali em estado prático.

O *The Kansas City Star* (12 mai. 1963) abriga duas peças que dão a medida dessa variação interna. Numa delas, de tom panorâmico, critica-se o romance por repetição e extensão: “too long, too repetitious and as a result sometimes tedious”. O diagnóstico vem acompanhado de um mal-estar metacrítico. Suspeita-se que haveria um “reverse chauvinism” na indulgência com “foreign novels” volumosos, um elogio do exotismo e da dificuldade, e não por valor intrínseco. Em outro registro, porém, o mesmo jornal recolhe a nervura filosófica e faz sobressair aforismos da fala de Riobaldo: “What life demands of us is courage”; “Living is a dangerous business because ‘learning-to-live is living itself’”. Ainda assim, volta a frisar a sensação de redundância nas sequências de combate: “one battle between jaguncos closely resembles another”.

O argumento acima é que a repetição seria pobreza de invenção, um enchimento. Mas, há um outro modo de ler esse padrão que o *Ledger-Star* (20 abr. 1963) sugere ao falar de “strange rhythms” e “complexities beneath foaming melodrama”. Sob o prisma de debates contemporâneos relativos a testemunho, iterabilidade e forma, a repetição pode ser tomada como insistência material de um mundo sem variação nas violências que o organizam. O que se repete não é o “mesmo” por falta de invenção. Tratar-se-ia da forma que a violência encontra para ocupar o cotidiano do narrador, que, ao rememorar em uma sentada, refaz seus circuitos de culpa, coragem e temor.

Em termos de debates atuais sobre valor e crítica, duas observações são úteis aqui. Primeiro, o que Rita Felski (2015; 2020) requalificou como modos de apego do leitor (aquilo que nos prende à obra, que nos faz voltar a ela) aparece no jornalismo sob a forma de ancoragens em máximas e perguntas fortes (“What is luck? What is life?”, diria o *The Baltimore Sun*, 14 abr. 1963). A resenha desse jornal, ciente de que a fluência rapsódica de Rosa impõe custo cognitivo ao leitor não familiarizado, extrai citações destacáveis que podem circular autonomamente e atuar como passarelas de acesso afetivo e cognitivo.

Segundo, as impaciências com a fala rememorativa e as variações “pouco diferenciadas” dos combates não são apenas gostos idiossincráticos, são indícios de uma lógica midiática da leitura que favorece linearidade, alternância de ritmos e economia de suspense. Isso ajuda a compreender por que uma parte da crítica local chamou o livro de “not easy to read but it well repays the effort” (*The Miami Herald*, 26 mai. 1963), enquanto outra parte, como o *Hartford Courant* (12 mai. 1963), insistiu num “plot development” “disjointed”, “confusing at times”, enfatizando o “labor of reading” e concluindo que “one never quite gets the ‘feel’ of [the] lush and wild jungle country of Brazil”.

A acusação de “desconexão” (“disjointed”) é eloquente, porque emerge justamente quando o jornal opõe Rosa a um modelo de romance de cadência explícita/dada e concisa. Se articularmos esse dado com agendas mais recentes de estudos de mídia e cultura (ver. Guillory, 2022), entendemos melhor a função dessas resenhas. Elas precisam justificar a atenção do leitor para um objeto “difícil”, justificativa que combina avaliação estética com informações práticas (selo, preço, origem), mas que também precisa proteger o contrato com o público (não trair a

confiança oferecendo “hermetismo” por “hermetismo”).

Em 1963, esse impasse foi resolvido por meio de alternância de ênfases. Ora o jornal recorta o *pathos* universal (coragem, culpa, destino), ora valida a dificuldade (“well repays the effort”), ora se vale do gênero bélico (“significant addition to the literature of war”, *The Houston Chronicle*, 5 maio 1963), ora traduz o romance em imagem cinematográfica: “The sertao [...] is both stage-setting and hero of this cineramic novel” (*Redwood City Tribune*, 27 abr. 1963).

Essa última metáfora (“cineramic”) é particularmente esclarecedora. Ela aciona um repertório de visualidade popular (Cinerama) para dar conta do efeito de espacialidade da escrita rosiana. Há aqui um gesto de tradução intermedial. Frente à estranheza de um fluxo oralizado, que mistura máximas e paisagem, o jornal convida o leitor a imaginar planos largos, espetáculo da natureza, protagonismo de cenário.

Esse gesto pode parecer empobrecedor, mas também cumpre uma função heurística. Ensinando o leitor a ver o sertão como protagonista, o jornal oferece um modo de acompanhar a narrativa que não depende exclusivamente da linearidade dos eventos.

Outra regularidade do corpus de 1963 é a metaforização do lugar. O sertão aparece, ao mesmo tempo, como paisagem-protagonista (hostil, “bruta”) e como plataforma para exame filosófico da agência humana. De um lado, “man is pitted against nature, man and evil” (*Chino Champion*, 9 maio 1963). De outro, “What is luck? What is life?” (*The Baltimore Sun*, 14 abr. 1963).

O que poderia soar como oscilação indecisa revela, na verdade, uma operação de mediação cultural que estudos recentes do Sul Global ajudam a explicitar. Autores de horizonte decolonial e perspectivas críticas têm insistido, como já apontado, que a diferença cultural não precisa ser traduzida em déficit ou exotismo, pode ser afirmada como lugar epistêmico de enunciação (Mignolo & Walsh, 2018), como experiência histórica com sua dinâmica própria (Mbembe, 2017; 2019), e como prática de conhecimento situada (ver. Santos, 2018).

Ler o modo como a imprensa dos EUA de 1963 “faz caber” Rosa nesse repertório permite-nos observar um laboratório de negociação. Quando um jornal chama o sertão de “herói” e o imagina “cinerâmico”, ele testa, dentro de seus limites, uma forma de reconhecer o protagonismo do lugar, ainda que a equação venha acompanhada de categorias familiares (faroeste, confronto homem/natureza).

Quando outro jornal insiste nas questões universais (“What is luck? What is life?”), mobiliza um universalismo moral que, no circuito editorial, tem poder de consagração (abertura de mercado, ampliação de público), mas também corre o risco de “desancorar” a obra de seus conflitos históricos e regionais. O jogo de aproximação/afastamento, portanto, é a forma como a mídia cultural, operando no interior de assimetrias centro-periferia, procura fazer ponte entre regimes de valor incomensuráveis.

É aqui que os aportes contemporâneos dos estudos culturais latino-americanos e afro-diaspóricos ajudam a refinar a análise. Em vez de perguntar em que medida a imprensa “acertou” ou “errou” o sertão, vale indagar como ela codificou alteridade e como essa codificação se articula com estruturas de raça, espaço e violência.

A insistência em “outlaws”, “moral code” e “bloodletting” (*The Houston Chronicle*, 5 maio 1963) normaliza a leitura do sertão como zona de exceção, o que, cruzado com debates atuais sobre necropolítica e gestão diferencial da morte (ver. Mbembe, 2019), permite ver como o romance foi posto a funcionar num imaginário bélico que traduz desigualdade histórica em paisagem violenta. Por outro lado, a insistência em “coragem”, “aprendizagem de viver” e

“culpa” (por exemplo, no *Ledger-Star*, 20 abr. 1963: “a broker, a questioner and a speculator about eternal mysteries [...] oppressed by guilt”) desloca a ênfase para uma ética da responsabilidade individual. Essa operação, do ponto de vista de agendas decoloniais, pode tanto universalizar uma experiência quanto ofuscar mediações de classe, raça e território que atravessam o romance e o contexto de sua produção.

A relação Riobaldo-Diadorim, que a imprensa frequentemente trata como mistério motor (“What was it that attracted him so to Diadorim?”, *The Des Moines Register*, 14 abr. 1963) ou como substância trágica (“Greek-tragedy tone”, *Redwood City Tribune*, 27 abr. 1963; *Peninsula Times Tribune*, 27 abr. 1963), oferece outro teste. Em 1963, dificilmente veríamos uma tematização direta de gênero e identidade sexual em jornais locais. A ambiguidade aparece como combustível de suspense, não como pauta social.

Do ponto de vista da crítica atual, esse silenciamento é revelador, já que a imprensa mantém o segredo como motor narrativo e o enquadra com repertórios clássicos (tragédia grega) de “elevação”, evitando possível ou inadvertidamente a folclorização sexualizada, mas também deixando de ativar lentes críticas que só se tornariam correntes décadas depois. Involuntariamente, talvez, essa perspectiva desregionaliza a mencionada relação afetiva e a reinscreve numa dramaturgia reconhecível, protegendo-a, em tese, de leituras que a reduziriam a um exotismo sertanejo.

Há, também, um ganho interpretativo nessa perspectiva “trágica” supramencionada. Ela torna visível o que poderíamos chamar de mercado moral da violência no livro (Mbembe, 2019). A relação com Diadorim não é mero segredo romântico, trata-se de um dispositivo de distribuição de culpa, coragem e reconhecimento em um mundo que administra vidas e mortes por códigos de honra e vingança.

Quando o *Ledger-Star* (20 abr. 1963) aponta Riobaldo como “oppressed by guilt” e especula sobre “eternal mysteries”, moraliza também. O jornal indica que o “pacto” com o diabo, tratado em várias peças como problema hermenêutico, organiza uma economia de sentido que tenta domesticar, no plano da consciência, uma violência que excede o indivíduo. Nessa leitura, o segredo de Diadorim e o enigma do pacto são dois módulos éticos que a imprensa sugere reconhecer e valorizar como contrapesos ao espetáculo da ação.

Muitos jornais retomam o tema da dificuldade e da recompensa de ler Rosa. *The Miami Herald* (26 maio 1963) resume a equação: “not easy to read but it well repays the effort”. Já o *Ledger-Star* (20 abr. 1963) sugere novo modo de leitura: “to adjust oneself to the strange rhythms [...] to become aware of the complexities [...] beneath its foaming melodrama”. A dificuldade, aqui, se torna estilo. Assim, a imprensa ensaia um código de leitura para o não iniciado, ajustar-se, desacelerar, entregar-se aos ritmos, procurar as camadas sob a espuma. Poderíamos dizer que as resenhas tentam converter resistência formal em apego afetivo-cognitivo (Felski, 2020). O leitor é convidado a investir atenção e, em troca, recebe máximas, dilemas, imagens fortes, “paisagens-herói”.

É revelador que, lado a lado com essas instruções implícitas de leitura, apareçam perguntas metacríticas. O *The Kansas City Star* (12 mai. 1963), por exemplo, dramatiza um ceticismo. Para o folhetim, haveria uma espécie de moda na aclamação de romances estrangeiros longos, uma veneração do difícil. Essa suspeita, que reaparece ciclicamente na indústria literária de língua inglesa, diz menos sobre o livro e mais sobre como o jornal entende sua responsabilidade em relação ao seu público. Ele precisa, por assim dizer, “prestar contas” sobre a atenção que demanda. Em termos de sociologia editorial recente (ver. Sapiro, 2016), trata-se de uma interface entre o polo de consagração (selo, prêmios, curadoria de catálogo) e o polo de

consumo (leitorado local, rotinas de aquisição bibliotecária, clubes de leitura). O jornal atua como mediador desses dois polos, alternando justificativas estéticas e pragmáticas. Daí a insistência em “Knopf, \$5.95”, em sinopses telegráficas e em etiquetas de gênero, preferências que não anulam o valor literário, mas o traduzem em uma pragmática de circulação.

Ao longo de 1963, a tradução de *Grande Sertão* aparece de forma desigual. Em alguns momentos, aponta-se discretamente a mediação tradutória e trata-se dela com sobriedade (“It is hard to assess the style of a book in translation”, *The Houston Post*, 28 abr. 1963). Outras passagens arriscam balanços sobre efeitos estilísticos: “formality and restraint”, “a dam to control a flood of words and events”. Há, porém, um reconhecimento transversal, qual seja, a compreensão de que a voz de Riobaldo (com sua oralidade rítmica, os apelidos, as máximas) excede o modelo de fluência que o leitor de jornal espera. Mesmo quando o estilo é elogiado, a imprensa o lê como “exigente”, “estranho”, “irregular” para seus padrões.

Hoje, esse tipo de observação dialoga com duas agendas críticas relevantes. A primeira é a crítica à ideologia da fluência (ver. Venuti, 2019), que lê a “naturalização” como apagamento da diferença e regulação de valores estilísticos no mercado anglófono. A segunda é a atenção às condições paratextuais da tradução (Batchelor, 2018), como capa, orelha, *press kit* e até o tom das resenhas, que programam expectativas de estilo. Se o livro chega aos EUA escoltado por rótulos de western, épico de bandoleiros e “paisagem bruta”, não surpreende que a oralidade sincopada de Rosa seja lida sob o prisma da ação, do espetáculo e do *pathos* moral e, por contraste, que as passagens de ruminação filosófica e de variação lexical sejam percebidas como “desaceleração”, “trabalho”, “estranheza”.

Não se deve, portanto, subestimar o papel das listas de bibliotecas e colunas sucintas na fixação dos microparadigmas semânticos da mídia estadunidense em 1963. Essas fórmulas telegráficas operam como etiquetas/rótulos que ajudam catálogos e leitores a encontrar o livro numa economia de atenção dispersa (ver. Batchelor, 2018).

Há um risco óbvio nisso tudo, que é a cristalização e empobrecimento da obra. Mas, há também uma função de descoberta que, sem essas *tags*, talvez não se cumprisse. Em 1963, o sistema de curadoria cultural precisava dizer ao seu público o que é, quanto custa, de onde vem e por que o romance deveria entrar na fila de leituras do interlocutor. A repetição de rótulos, numa primeira camada, prepara o terreno para que leituras mais densas, pelo jornal, possam, de fato, ocorrer.

Em contrapartida, os jornais que “escutam” a voz de Riobaldo e deixam que ela organize a resenha, recolhendo aforismos e perguntas, aproximam-se do que hoje chamaríamos de “protocolos de leitura responsiva” (Felski, 2020). Em vez de demonstrar erro, propõem vínculos (o que essa voz me pede? A que me convoca?). Nessa perspectiva, a citação “What life demands of us is courage” é o modo pelo qual o jornalista acredita devolver ao leitor a experiência de um encontro com uma voz que não se deixa reduzir a gêneros prontos.

Um motivo-temático recorrente nos jornais estadunidenses de 1963 é a necessidade de legitimar a atenção dedicada ao romance. O *The Baltimore Sun* (14 abr. 1963) chega a dramatizar a hesitação do crítico (“Only the acclaim of Brazilian critics [...] made me want to read this novel”) e a reviravolta (“I remained enthralled”). O trecho sugere como o prestígio circula transnacionalmente, é recomendado por críticos “de origem”, é confirmado por um jornal “de chegada” e como a recepção se constrói por meio de transferências de confiança.

Em 1963, esse circuito passa por editoras de prestígio (Knopf), por colunas de bibliotecas, por resenhas locais e por notas em suplementos de grandes cidades. Hoje, passa também por prêmios, festivais, redes sociais, quantidades de curtidas/visualizações/citações e

clubes de leitura “globais”. A estrutura, no entanto, persiste. É preciso “autorizar” a atenção.

Ao denunciar um suposto “reverse chauvinism” perante romances estrangeiros longos, o *The Kansas City Star* (12 mai. 1963) pratica, por sua vez, uma crítica do próprio campo midiático. Reivindica para si a tarefa de filtrar modismos, de não se dobrar a exotismos. Essa autorreflexão, longe de desautorizar a obra, evidencia quão zelosa de seus protocolos a crítica de jornal precisa ser (cf. Araújo *et al.*, 2021). Ela não responde apenas a critérios “internos” (como faria a crítica acadêmica segundo seus próprios ritos), mas a um contrato de serviço cultural com seu público (Guillory, 2022). Por isso, alterna a retórica do *must read* (“it is time that we too have the opportunity to know this distinguished work”, *The Houston Post*, 28 abr. 1963) com a do *caveat lector* (“too long, too repetitious and [...] tedious”, *The Kansas City Star*, 12 mai. 1963), compondo um mosaico que, no conjunto, estabiliza a imagem de Rosa.

Ao mesmo tempo, parece-nos legítimo que o jornal, trabalhando com critérios de legibilidade num suplemento de domingo, registre o cansaço do leitor mediano. Esse registro é diagnóstico de uma distância entre dois regimes de leitura. Nesse sentido, o gesto crítico contemporâneo pode tanto reconhecer que a forma é exigente quanto, simultaneamente, sustentar que esse cansaço é estético, parte da experiência que a obra solicita como partilha de um mundo.

## 5 Outros regimes de leitura de Rosa e seu *Devil to Pay* (1964-1970)

Nos textos de jornais estadunidenses publicados a partir de 1964, a representação de *Devil to Pay in the Backlands* oscila entre dois polos. De um lado, temos a leitura do romance como janela para uma alteridade regional (“o sertão”), cuja rudeza explicaria a violência e a metafísica do enredo. De outra parte, temos a insistência de que a tradução em inglês teria “empobrecido” o acesso à suposta “grandeza” de Guimarães Rosa. Essas duas ênfases, ainda quando divergentes em tom ou juízo, funcionam como dispositivos de mediação entre o campo literário brasileiro e audiências norte-americanas, redescrivendo o romance segundo expectativas e convenções do jornalismo cultural dos EUA na metade dos anos 1960 (Couldry & Hepp, 2017).

Uma primeira constelação de leituras privilegia a monumentalidade do cenário e seu efeito de “verdade” cultural. Ainda em 1964, um registro de biblioteca pública, indício eloquente de circulação e de paratextualidade social do livro, descreve sucintamente: “Rosa – ‘The Devil to Pay in the Backland,’ sweeping novel of northern Brazil, bandit outlaws and the forces of nature” (*Wellsville Daily Reporter*, 11 abr. 1964).

No plano das representações, essa fórmula (“bandit outlaws” e “forces of nature”) reafirma um roteiro de exotização já visto em 1963. Sob esse viés, emergem a violência (bandoleiros), o espaço indomado (forças da natureza) e o norte do país (como sinédoque do “outro” brasileiro). É um enunciado de catálogo, não uma resenha, mas justamente por isso revela o modo como o romance chega a leitores comuns, como produto cultural mapeado por palavras-chave. Nessa perspectiva, a crítica de jornais opera como engrenagem daquilo que Sapiro (2015) chama de conversão de capital simbólico via tradução e circulação, em que etiquetas e gêneros de apresentação moldam percepções.

Quando a crítica jornalística se detém no texto, a imagem do sertão como força-personagem reaparece de modo dramático e literariamente elaborado. Em 1966, no *The Morning Union* (10 jul. 1966), lemos, a propósito de Sagarana, mas com remissão explícita ao romance:

“there is a reflection of the endless struggle between the forces of life and death, of good and evil, of the endless contest between God and the Devil for the possession of men’s souls [...] all show the masterful touch [...] such as ‘The Devil to Pay in the Backlands’”.

Aqui, o jornal norte-americano reifica a luta maniqueísta como traço cultural do “Brazilian backlands”, projetando um imaginário que combina catolicismo popular, magia e violência, um conjunto semantizado no texto como “frontier area” e “contest between God and the Devil”. Essa figuração ressoa, ao modo midiático, aquilo que a crítica acadêmica viria a tratar como “míticas do sertão”, mas com uma torção. Enquanto a leitura acadêmica tende a historicizar formas e metáforas, o jornal redireciona essas formas para o regime do pitoresco e do sublime moral, função típica do jornalismo cultural ao tornar inteligível o distante (ver. Felski, 2015).

Ainda em 1966, o *The Baltimore Sun* reforça a mesma matriz representacional ao situar *Sagarana* no mesmo universo de *Devil to Pay*: “the backland province of rural Minas Gerais that was the scene of his ‘The Devil To Pay’”. Destaca, assim, valores, elementos e perspectivas: “Honor is the mainspring of action [...], God, the Devil and politics form a powerful trio” (*The Baltimore Sun*, 17 abr. 1966). A crítica enfatiza “honra”, “Deus e o Diabo” e “política” como uma tríade moral, convertendo os dilemas filosóficos do narrador Riobaldo em problemas de *ethos* coletivo, algo que, à luz de Walkowitz (2015), mostra como romances “nascidos traduzidos” (ou que se tornam legíveis em tradução) são reenquadrados por repertórios reconhecíveis do leitorado de chegada.

Essa segunda constelação de leituras pós-1963, às vezes convergente com a primeira, problematiza mais a mediação tradutória e, por extensão, a inteligibilidade de Rosa em inglês. A discussão se acentua em 1968, quando chegam aos EUA traduções de *Primeiras Estórias* (1962), distribuída como *The Third Bank of the River* (1968). No *The Boston Globe* (22 set. 1968), Robert Taylor sintetiza de maneira quase canônica a hipótese da “traição” tradutória. Para ele “‘Sagarana’ [got] a stolid translation in 1966 and ‘Grande Sertao: Veredas’ [...] received a wretched translation - indicated by the American title ‘The Devil to Pay in the Backlands’ ” (*The Boston Globe*, 22 set. 1968).

O adjetivo “wretched” serve como ponto de condensação de frustrações. Insinua que o título inglês indica, já de saída, uma torção semanticamente fragilizadora do original. Desloca também a atenção para o trabalho do tradutor (Taylor & de Onís) e para o aparato editorial (Knopf), estabelecendo um “dispositivo de suspeita” que, nos termos de Venuti (2019), denuncia a ideologia instrumental da tradução no circuito anglófono. O mesmo *Globe* reforça a crítica em termos estilísticos (“where the prose is not trite, a great deal of it is clumsy or stiff”), mantendo o foco em Rosa como “a world writer worth knowing”, cuja recepção anglófona “will awaken” (*The Boston Globe*, 22 set. 1968).

Nesse sentido, uma parte da crítica de jornal personaliza (tradutor), outra despersonaliza (sistema editorial) a avaliação da tradução, antecipando discussões contemporâneas sobre “economias morais” da tradução e sua gestão pela indústria (ver. Venuti, 2019; Thompson, 2021).

O fato é que a convergência entre a valorização de Rosa e a crítica às versões em inglês é retomada no *The Kansas City Star* (29 dez. 1968), num registro em que John S. Brushwood, crítico e latino-americanista, articula avaliação estética e a reflexão tradutória. Ele situa *Third Bank of the River* (1968) na constelação da inovação linguística latino-americana: “like a combination of Carroll’s ‘Jabberwocky’ and Joyce’s ‘Ulysses.’ Language play gives the work meaning beyond what can be communicated in straight prose”. Por outro lado, assinala que o

“melhor romance” de Rosa “was published in 1963, under the [...] title of ‘The Devil to Pay in the Backlands,’ which has to do with the title and not with the book” (*The Kansas City Star*, 29 dez. 1968).

Aqui, a frase “has to do with the title and not with the book” traduz com precisão jornalística o argumento que Venuti (2019) sistematizaria décadas depois, para quem títulos e equivalências “fluentes” fabricam familiaridade em detrimento da estranheza constitutiva. Naquele mesmo texto jornalístico, Brushwood explicita o desafio sistêmico da tradução do português para o inglês: “Portuguese is a highly inflected [language...] and English is not”, de modo que “the translated product can be no more than an approximation of the original” (*The Kansas City Star*, 29 dez. 1968). Trata-se de uma racionalização técnica que, embora hoje pareça linguística e “neutra”, tem implicações culturais. Forja-se uma expectativa de déficit (o “aproximado”) como horizonte de leitura do Rosa em inglês.

Na frente mais elogiosa, o *Independent* (28 nov. 1968) celebra explicitamente *Devil to Pay* como futuro clássico e ancora a recepção num intertexto nacional: “‘The Devil to Pay in the Backlands’ must inevitably, like Da Cunha’s nonfictional masterpiece, take its place as a Brazilian classic”. Por um só gesto, o jornal religa Rosa a Euclides da Cunha e mobiliza um cânone “de fora” (Canudos) para autenticar o “romance do sertão”. A mesma página retoma o esquema de grandiosidade do espaço e provação (“the terrible hardships imposed by nature and man”) e a inquietação metafísica (“did he once [...] sign a pact with the Devil?”), recolocando Riobaldo como narrador “now grown old” (*Independent*, 28 nov. 1968). Esse discurso é domesticador (no sentido venutiano) e, ao mesmo tempo, exotizante. Aproxima por meio de equivalências (o clássico brasileiro, o épico nacional), ao mesmo tempo em que distancia mediante o espetáculo da aspereza (natureza/diabo).

Se apusermos esses gestos aos diagnósticos de Couldry e Hepp (2017) sobre como mediações constroem um mundo tornado familiar pela mídia, percebemos que o jornalismo literário nos EUA reescreve *Devil to Pay* enquanto realismo mítico de fronteira legível ao público doméstico. A narrativa longa é enquadrada por palavras-guia (honra, violência, sertão, Deus/Diabo) que prometem legibilidade moral mais do que estranheza formal. Não por acaso, onde a estranheza formal se impõe, as resenhas derivam para o tema da tradução. É o caso de *The Boston Globe* (22 set. 1968), que, mesmo avaliando a tradução de *Primeiras Estórias* (1962) por Barbara Shelby, estende o raciocínio ao conjunto da obra em inglês, prevendo que “many American readers will be left wondering what the shouting is all about”.

Essa formulação condensa uma tensão. O jornal deseja consagrar Rosa (“writer worth knowing”) e, ao mesmo tempo, preservar o leitor de um possível “estranhamento” imputado à tradução “wretched” do romance (*The Boston Globe*, 22 set. 1968).

Há também disparidades de registro, da micro-notícia bibliográfica às leituras panorâmicas. *The Courier-Journal* (20 set. 1970), por exemplo, discute um “bumper crop of Brazilian fiction” e usa *Devil to Pay* como parâmetro de qualidade: “The best Brazilian fiction that we’ve seen [...] or Joao Guimaraes Rosa’s ‘The Devil to Pay in the Backlands,’ is characterized by a directness and charm that allow for a simple treatment of profound themes”. Esse enunciado canoniza Rosa não isoladamente, mas dentro de um pacote de “Brazilian fiction”, então na moda, dinâmica de “onda” muito bem descritas por Thompson (2021) para o mercado editorial. Ao mesmo tempo, atribui ao romance um suposto charme e simplicidade de tratamento de temas profundos, numa leitura que, se cotejada com a carga experimental da prosa de Rosa, parece mediada por expectativas de transparência típicas do jornalismo cultural de massa. Em termos dos Estudos da Tradução, é a projeção do ideal de “fluência” como valor (Venuti, 2019), em parte deslocado do tradutor para o próprio autor, cujo “charme” seria um

ajuste à leitura em língua anglófona.

De 1966 a 1968, a oscilação entre reconhecimento e dificuldade se torna um padrão, mas com variações de ênfase. No *The Morning Union* (10 jul. 1966), Sagarana é lido como epítome de “portrayals of mankind’s struggles [...] endless contest between God and the Devil”, com remissão elogiosa a *Devil to Pay*. Já no *The Boston Globe* (22 set. 1968), Rosa é um “world writer worth knowing”, embora seus textos em inglês careçam de “richness” e deixem “many American readers [...] wondering”. Por sua vez, o *Independent* (28 nov. 1968) aposta na consagração (“should one day win him the Nobel Prize in Literature”), associando “creativity in language”, “brutality and the tenderness”, “earthiness and the wit”.

O *Kansas City Star* (29 dez. 1968) retoma, de forma explícita, a problemática formal da tradução da “inventividade linguística” de Guimarães Rosa e, paralelamente, prescreve um protocolo de leitura ao público. Para o periódico, a entrada proveitosa no texto passa por um abandono paulatino de expectativas de transparência estilística e de linearidade, de modo que “reading [...] is the process of surrendering,” um processo gradual, no qual o leitor “successfully” progride ao “reading several stories” antes de se entregar plenamente ao fluxo narrativo.

Assim, no plano midiático, se institui um protocolo de leitura de Rosa em inglês. É preciso ajustar o ouvido, aceitar a gradualidade e, por vezes, contornar a “traição” da tradução. Esse protocolo reforçaria para a imprensa estadunidense pós-1963 a distinção entre o gosto do especialista e o do leitor comum, um topos clássico das páginas de livros.

Mesmo quando o foco não é diretamente *Devil to Pay*, o romance emerge como ícone de referência para decifrar o mundo de Rosa. No *The Baltimore Sun* (17 abr. 1966), lê-se que Rosa “may be one of the last great spinners of yarns” e que o universo de Sagarana partilha “the same lyrical detachment [...]” do cenário de *Devil to Pay*.

Esse uso metonímico, *Devil to Pay* como atalho para situar Rosa, é típico da crítica jornalística que, segundo Felski (2015), opera menos por desvelamento (no registro da crítica acadêmica) e mais por anexações de sentido que facilitem o reconhecimento imediato. Em perspectiva decolonial, há aqui um dilema. Para entrar no circuito hegemônico anglófono, o romance é tanto celebrado quanto remanejado por convenções de legibilidade que podem obliterar sua diferença radical (cf. Mignolo & Walsh, 2018).

Uma dimensão menos comentada, mas significativa, é a historicização do sertão como processo de progresso. Esse tópico aparece de forma periférica no *Courier-Journal* (20 set. 1970), que caracteriza a melhor ficção brasileira como frequentemente “set earlier in the century” e tematizando “progress from wild, unsettled times to a more settled life”. Isso enquadra *Devil to Pay* numa teleologia modernizante, em que a violência seria etapa de transição rumo à ordem, uma narrativa conveniente à imaginação liberal modernizadora do pós-guerra nos EUA. Em contraste, os trechos onde a crítica nota a metafísica da dúvida (“did he once [...] sign a pact with the Devil?”) tensionam esse roteiro com uma ética trágica, sem teleologia clara (*Independent*, 28 nov. 1968).

Quanto às semelhanças transversais entre os jornais, há algumas notórias. Primeiro, a triangulação espaço-ética-metafísica (sertão/forças naturais, honra/violência, Deus/Diabo) emerge também como lógica para tornar o romance legível (*The Morning Union*, 10 jul. 1966; *The Baltimore Sun*, 17 abr. 1966). Segundo, destaca-se a consagração de Rosa por contraste, de modo que se enfatiza a grandeza do autor brasileiro para, logo após, lamentar as perdas da tradução (*The Boston Globe*, 22 set. 1968; *The Kansas City Star*, 29 dez. 1968).

Entre as divergências, uma diz respeito ao lugar da dificuldade. Para o *The Boston Globe*

(22 set. 1968), a dificuldade em inglês deriva do “estilo” tradutório (“clumsy or stiff”). Para o *Kansas City Star* (29 dez. 1968), esse desafio se origina do jogo linguístico intrínseco a Rosa e da distância morfossintática entre as línguas. Já o *Courier-Journal* (20 set. 1970) relativiza a dificuldade e prefere destacar “directness and charm”, um gesto de alívio interpretativo que encaixa Rosa num itinerário de legibilidade do mercado.

Entre temas raros nos recortes analisados, observa-se ainda pouca atenção a sexualidade e ambiguidade de gênero (Diadorim), excentricamente presentes em alguns textos de 1963, mas menos explicitados nos recortes pós-1963 aqui disponíveis. Nesse período, os jornais também não parecem se ater à forma longa e oralidade como problema narratológico, salvo menções a “language play” e “approximation” no *Kansas City Star* (29 dez. 1968).

A política sertaneja é raramente vista para além do rótulo das “rebeliões” e “governo”, frequentemente reduzida a pano de fundo de bandos em conflito. A relativa ausência desses eixos, se comparada à crítica acadêmica posterior, evidencia a tendência do jornalismo cultural de privilegiar sintomas legíveis (paisagem, maniqueísmo, exotismo) em detrimento de complexidades formais e políticas, o que exemplifica o que Felski (2015) descreve como preferências por “modos de apego” (attachment) específicos do leitorado generalista.

O itinerário de legitimação de *Devil to Pay* na imprensa anglófona dos EUA pós-1963 é, fundamentalmente, indiciário. A obra é lembrada e celebrada em resenhas de outros livros de Rosa, *Sagarana* (1966) e *Third Bank of the River* (1968), reconhecida como ápice de uma trajetória, mas raramente analisada em si, exceção parcial feita aos jornais de 1963, mencionados nas seções anteriores. Em 1968, o *Independent* (28 nov. 1968) argumenta que Rosa em *The Devil to Pay* mereceria um “Nobel Prize”, enquanto *The Boston Globe* (22 set. 1968) apela por uma “definitive edition of this writer”.

Sob a ótica de Sapiro (2015), esses enunciados fazem parte das pedagogias de recepção que a mídia aciona para solicitar investimentos institucionais, novas traduções, edições completas, capazes de reconfigurar o valor mundial do autor. Em perspectiva decolonial, poderíamos ler esses pedidos como sintomas de *gatekeeping*. Trata-se da tentativa de promover a entrada de um produto cultural no cânone anglófono através da exigência de novas “portas”, isto é, traduções “adequadas”, controladas por casas editoriais do Norte Global (cf. Mignolo & Walsh, 2018).

A diferença de regime entre a crítica acadêmica e a crítica midiática aparece com nitidez se compararmos algumas operações de julgamento. Nesse sentido, jornais funcionam como intermediários reputacionais. Eles sintetizam, ancoram por analogias (Joyce, Jabberwocky, “frontier”), motivam leitores e editores.

Já a crítica acadêmica, especialmente a partir de 1990, tende a historicizar, a discutir forma e política (ver. Walkowitz, 2015; Venuti, 2019), e a indagar o posicionamento epistêmico dessas mediações no contexto colonial/moderno (ver. Mignolo & Walsh, 2018). Quando o *The Kansas City Star* (29 dez. 1968) escreve que ler Rosa “requires surrendering” gradualmente a um “magic language and magic perspective”, o jornal está prescrevendo uma ética do leitor, rendição ao estranho, movimento que a crítica acadêmica desdobraria em problemas de tradução, plurilinguismo e recepção.

Já o *The Boston Globe* (22 set. 1968), ao taxar a tradução de “wretched”, dramatiza uma estética do prejuízo, criando um senso comum crítico que provavelmente impactou decisões editoriais futuras. Em termos de economia de prestígio, a mídia jornalística faz circular avaliações rápidas que, embora menos densas teoricamente, possuem alto poder de efeito (ver. Thompson, 2021).

## 6 Implicações para uma pedagogia da leitura (da tradução) literária contemporânea

Tomar resenhas, colunas, catálogos e metadados como máquinas de legibilidade implica reconhecer que a obra traduzida chega ao leitor por meio de uma economia de mediações cujos protocolos são, hoje, tanto editoriais quanto algorítmicos. Quando plataformas passam a arbitrar a atenção, os centros de autoridade paratextual se deslocam. Editoras e bibliotecas já não operam sozinhas. Lojas on-line, repositórios, redes sociais de leitura e sistemas de recomendação disputam a definição do “legível”, comprimindo a diferença numa familiaridade mercadológica.

A literatura recente sobre “plataformização” da edição mostra que decisões editoriais, critérios de qualidade e até a temporalidade do lançamento são calibrados a métricas de consumo e recomendação, com efeitos diretos sobre a materialidade do que se lê e de como se lê (ver. Spjeldnæs, 2022; Spjeldnæs & Karlsen, 2024). Nessa perspectiva, uma pedagogia que se proponha anti-domesticadora não pode restringir-se ao cotejo original/tradução. Precisa letrar para as infraestruturas que prefiguram sentido, das folhas de rosto e orelhas às páginas de produto e às lógicas de “descoberta” que enquadram a obra antes da primeira linha.

Esse letramento exige trazer o metadado ao centro do trabalho interpretativo. Em mercados globalizados, padrões circulam semanas antes da publicação, atualizam-se até mesmo após o lançamento e informam toda a cadeia. Nesses pacotes residem rótulos, campos de assunto, sinopses, promessas de acessibilidade, tudo o que ensinará plataformas e catálogos a “ver” o livro (cf. Saynor, 2025).

Debates em biblioteconomia e comunicação científica convergem para o fato de que qualidade e completude de metadados afetam ranking, transparência e proveniência, com impacto mensurável na recuperabilidade do conteúdo (ver. Harper *et al.*, 2023). Assim, a sala de aula deve problematizar o gesto aparentemente neutro de descrever. Ora, descrever é decidir o que a obra “é” para as máquinas e, por consequência, para os leitores. Quando a descrição naturaliza etiquetas domesticadoras, a leitura crítica já começa derrotada.

A dimensão ética torna-se incontornável quando se observa o viés classificatório em catálogos e vocabulários controlados. Projetos literários recentes que desinquietam registros e cabeçalhos de assunto mostram como terminologias datadas racializam coletivos, invisibilizam epistemologias locais e hierarquizam saberes, produzindo um corredor estreito para a diferença, exatamente o corredor por onde traduções do Sul precisam passar (ver. Leung; López-Mcknight, 2021). Incorporar esse diagnóstico à formação do leitor significa reconfigurar a pergunta “o que o texto diz?” para “quem o torna dizível e por quais lógicas de nomeação?”. O ensino, nesse caso, também experimenta reescritas de paratextos e metadados, praticando a justiça do conhecimento na própria superfície que organiza a busca, o clique e a interpretação.

O circuito de legitimação e descoberta passa, ainda, por plataformas de resenhas amadoras e redes sociais de leitura, onde a indexação afetiva e a reputação entre pares modulam a canonicidade instantânea. Estudos computacionais e etnográficos sobre *Goodreads* e congêneres sugerem que algoritmos de recomendação, incentivos de engajamento e rotas de visibilidade produzem um léxico de rótulos que privilegia familiaridades de gênero e fideliza expectativas, com pouca tolerância ao estranhamento formal típico de certas traduções literárias (ver. Hu *et al.*, 2025).

Isso tem várias implicações pedagógicas. Mencionamos apenas duas aqui. Por um lado, é

preciso ensinar a ler resenhas como atos de enquadramento que performam uma ontologia do texto. Por outro, compreende-se que é urgente dotar os alunos de instrumentos para intervir nesses espaços, não apenas “avaliando” livros, mas reabrindo suas categorias de legibilidade.

Uma pedagogia responsiva precisa, portanto, sincronizar o cuidado com a alteridade formal a uma política de mediação. O trabalho com oralidades, neologismos e sintaxes insurgentes na comparação original/versão beneficia-se de uma moldura decolonial e translíngua que legitima repertórios plurais, ressignificando o inglês-padrão como horizonte único de inteligibilidade e reagrupando o leitorado em torno de práticas de escuta e de pertença que não exigem tradução asséptica da diferença (cf. Ubaque-Casallas; Montiel, 2023).

O êxito interpretativo deixa de ser a fluência sem atrito e passa a ser a convivência informada com o estranho, acompanhada da consciência histórica do lugar de fala da obra. Ao reinscrever a historicidade local (sertão, religiosidades, violência, fronteiras) como fundamento de leitura e não como pitoresco, a sala de aula transforma a etiqueta em hipótese, o rótulo em pergunta, o paratexto em campo de disputa.

Como desdobramento deste artigo, sugerimos que cursos sobre literatura traduzida adotem uma clínica de paratextos, na qual turmas acompanhem, em tempo real, a trajetória de uma edição, do passo preliminar às alterações pós-lançamento, das primeiras resenhas às reclassificações em catálogos, e produzam versões alternativas de descritores e sinopses que favoreçam a diferença e explicitem a densidade histórica.

Em paralelo, laboratórios de leitura podem construir contrafluxos de descoberta, simulando circuitos algorítmicos para visualizar como pequenas mudanças de metadado reorientam rankings e recomendações, expondo os custos cognitivos da domesticação e os ganhos interpretativos de uma indexação responsiva. Se a edição contemporânea, inclusive no Sul Global, vem sendo reconfigurada por Inteligência Artificial (IA) e plataformas, cabe ao ensino transformar esse impacto em conteúdo crítico, formando leitores capazes de negociar com as máquinas sem abrir mão do estranhamento como valor e da historicidade como método (ver. Salani; Tapfuma, 2025).

## Considerações finais

Conforme argumentamos até aqui, as evidências reunidas neste estudo permitem notar que a recepção midiática de *The Devil to Pay in the Backlands* nos EUA (1963-1970) se estabilizou em um regime de legibilidade ambivalente, ancorado por rótulos domesticadores e por uma ética de leitura que prescrevia ao público uma entrada “gradual” num texto percebido como exigente em tradução. Esse movimento dobrado desenhou protocolos de leitura que transformaram a “dificuldade” em valor, ao passo que consolidaram a equivalência entre sertão, violência e prova metafísica.

Em termos de circulação, a imprensa avaliou Rosa e ensinou a lê-lo, por meio de resenhas, colunas de novidades e listas de bibliotecas que funcionaram como micro-paratextos de legitimação e descoberta, confirmando o papel decisivo de metadados e etiquetas na tradução social de obras do Sul Global.

Quando cotejamos esses resultados com a literatura recente na área, notamos convergências e avanços importantes. Pisetta (2020), por exemplo, demonstra, com base em arquivo (cartas, bastidores editoriais), que a primeira tradução inglesa de *Grande Sertão*, frequentemente lida como “insuficiente”, foi também uma mediação ativa e estratégica, cuja

agência paratextual e editorial ajudou a posicionar Rosa no circuito norte-americano. Isso reforça nosso argumento de que a recepção não se explica por “falhas” exclusivamente linguísticas, mas também por economias de mediação que moldam expectativas de estilo e de gênero.

Na perspectiva interamericana, Krause (2015; Krause *et al.*, 2020) relê o “não-lugar” de Rosa face ao *boom* da literatura latino-americana como efeito de redes, temporalidades e políticas de tradução, o que complexifica a leitura jornalística dos anos 1960. Para ele, a lassidão editorial e a rotulagem “westernizante” aparecem como sintomas de um descompasso de mercado e de repertórios críticos, não como veredito estético sobre o romance.

Já no âmbito doméstico, Costa e Holanda (2020) mostram que a recepção inicial dessa obra rosiana no Brasil, em crônicas de Paulo Mendes Campos, privilegiou o assombro formal e o risco ético da narrativa, menos cativa da paisagem exótica e mais atenta à voz e à experiência de linguagem. Esse contraste ressalta o quanto o enquadramento internacional dependeu de equivalências genéricas e de uma pedagogia da legibilidade voltada ao leitorado geral.

Quanto a outros mercados, notamos que a trajetória catalã estudada por Calvo del Olmo (2011) confirma que, onde houve continuidade editorial e mediações críticas localizadas, *Grande Sertão* pôde ser reapropriado para além do exotismo, sugerindo que a persistência de circuitos de tradução e crítica é variável determinante da fortuna crítica transnacional.

Nesse sentido, o reavivamento recente do interesse internacional, com a circulação de excertos e debates públicos sobre novas traduções, recoloca a obra num horizonte de releituras e reedições que tendem a reabrir seus protocolos de leitura no espaço anglófono (ver. Mota, 2025). A esse propósito citamos a mais nova tradução do romance que deve chegar, em 2026, às livrarias dos EUA, Reino Unido, Canadá e Austrália pelas mãos da tradutora Alison Entrekin (ver. PublishNews, 2019), cujo trabalho de uma década foi arrematado em um leilão pela editora estadunidense Simon & Schuster e recebe o orgânico título de *Vastlands: the crossing* (ver. Mota, 2025).

Ora, embora seus potenciais sejam amplamente apontados, os limites do presente estudo também são claros. O recorte empírico concentrou-se na imprensa estadunidense entre 1963 e 1970, deixando de fora revistas especializadas, suplementos e a recepção em outras línguas no mesmo período, elementos parcialmente contemplados por estudos anteriores (ver. Calvo del Olmo, 2011; Silva, 2014; Krause, 2015; Costa e Holanda, 2020; Krause *et al.*, 2020). Além disso, a dependência de acervos digitalizados pode ter introduzido vieses de amostragem e regionalidade. Do ponto de vista analítico, a ênfase nos dispositivos midiáticos também pode subestimar recepções “silenciosas” (clubes de leitura, circuitos universitários, intermediações de livrarias) e efeitos de longo prazo que só se tornam visíveis com séries analíticas mais extensas.

Como desdobramentos desta iniciativa, propomos algumas alternativas para avançar na compreensão da fortuna crítica de Guimarães Rosa e de sua obra magna, tanto na mídia quanto fora desta. Primeiro, apontamos a necessidade de uma comparação diacrônica entre recepções jornalísticas em inglês (EUA, Reino Unido, Canadá) e em espanhol/alemão/catalão, cruzando tipos de paratexto (capas, orelhas, metadados) para mensurar a força dos rótulos e a evolução de protocolos de entrada do leitor.

Além disso, seriam valiosos estudos de método misto que combinassem a análise qualitativa de resenhas com a extração e o reconhecimento de *tags* (etiquetas) e descritores em catálogos/bibliotecas, e em plataformas sociais de leitura, a fim de quantificar a persistência de rótulos domesticadores e seus efeitos na descoberta e na avaliação da obra.

Seria igualmente proveitoso um acompanhamento etnográfico e bibliométrico da(s)

nova(s) tradução(ões) em inglês, mapeando como decisões por título (Alison Entrekin e a Simon & Schuster, por exemplo, recorreram a 4 meses de negociação para pactuar um título para a nova tradução de *Grande Sertão*), notas de tradutor, estratégias editoriais e crítica especializada reconfiguram a legibilidade do romance e reposicionam Rosa no cânone mundial. Alternativas como essa são uma oportunidade singular para testar, em tempo real, a hipótese central deste artigo, a de que *Grande Sertão* se internacionaliza mais por reprogramar as mediações que o tornam legível.

Ora, se alguma lição nos deixa o percurso aqui traçado, é a de que o sertão só cruza os trópicos e as fronteiras, quando, para além de uma tradução sensível, encontra quem o acolha e o perceba atenta e despretensiosamente, ainda que esse encontro, às vezes, precise superar rótulos fáceis, títulos tortos e pedagogias etnocêntricas para abraçar a diferença indelével do Sul Global. É bem verdade que foi exatamente nessa junta entre domesticidade e estranhamento que a imprensa estadunidense, como arquétipo do mundo anglófono setentrional, ensinou a ler Rosa, transformando a dificuldade em valor e a etiqueta em travessia, enquanto nos fez recordar que toda tradução é também um pacto de coragem, o de abandonar a pressa para se permitir na semiose e no tempo do autor.

Esperamos que as próximas leituras, novas traduções e circuitos de mediação (em inglês, catalão ou no idioma que vier), incluindo a emergente tradução da australiana Alison Entrekin, saibam reabrir essa escuta com a delicadeza de quem restitui ao texto sua historicidade, seu direito de permanecer maior do que qualquer etiqueta ou rótulo, e restitua ao leitor sua capacidade de assombro, para que *Grande Sertão* continue a fazer do mundo um lugar um pouco menos estreito. Que lembre à crítica que toda travessia se inicia sempre por escutar o que ainda não sabemos dizer.

## Referências

- Ahmed, S. *The Cultural Politics of Emotion*. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- Araújo, G. A.; Sousa, E. R.; Lopes, R. da S. The hour of the star through media lenses: a tribute to Clarice Lispector (1920-2020). *Revista Lingüística Y Literatura*, v. 42, n. 79, pp. 314-335, jun. 2021.
- Batchelor, K. *Translation and paratexts*. London: Routledge, 2018.
- Calvo Del Olmo, F. Recepção de *Grande sertão: veredas* na Catalunha: uma crônica. *Scientia Traductionis*, n. 9, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n9p206>>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- Costa, F. L. da; Holanda, S. A. de O. A recepção de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, por Paulo Mendes Campos, no contexto jornalístico e das crônicas. *Jangada*, v. 8, n. 2, pp. 188-212, 2020.
- Couldry, N.; Hepp, A. *The mediated construction of reality*. Cambridge: Polity, 2017.
- Felski, R. *Hooked: art and attachment*. Chicago: University of Chicago Press, 2020.
- Felski, R. *The limits of critique*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

- Guillory, J. *Professing criticism: essays on the organization of literary study*. Chicago: University of Chicago Press, 2022.
- Harper, C.; Kumer, A.; Stuart, S.; Meszaros, E. Using AI for Metadata Tagging to Improve Resource Discovery. *LibTech Insights – Choice* 360, 12 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.choice360.org/libtech-insight/using-ai-for-metadata-tagging-to-improve-resource-discovery/>>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- Hartman, S. V. *Wayward Lives, Beautiful Experiments: Intimate Histories of Social Upheaval*. New York: W. W. Norton & Company, 2019.
- Hu, Y.; Diesner, J.; Underwood, T.; Leblanc, Z.; Layne-Worthey, G.; Downie, J. S. Who decides what is read on Goodreads? Uncovering sponsorship and its implications for scholarly research. *Big Data & Society*, v. 12, n. 3, 2025.
- Krause, J. R. “Too many cooks spoil the broth”: mistranslating “Grande sertão: veredas” into oblivion. *Chasqui: Revista de Literatura Latinoamericana*, v. 44, n. 2, pp. 112–128, nov. 2015. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24810763>>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- Krause, J. R.; Wiseman, D. P.; Blackhurst, F. The boom novel that never was: *Grande Sertão: Veredas* by João Guimarães Rosa. *Hispania*, v. 103, n. 4, pp. 603–620, 2020.
- Leung, S. Y.; López-Mcknight, J. R. (org.). *Knowledge Justice: Disrupting Library and Information Studies through Critical Race Theory*. Cambridge: MIT Press, 2021.
- Mbembe, A. *Critique of Black Reason*. Durham: Duke University Press, 2017.
- Mbembe, A. *Necropolitics*. Durham: Duke University Press, 2019.
- Mignolo, W. D.; Walsh, C. E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.
- Mota, C. V. Nonada em inglês? A saga de uma década para traduzir o “intraduzível” *Grande sertão: veredas*. *BBC News Brasil*, São Paulo, 14 mar. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0jne696zwno>>. Acesso em: 29 set. 2025.
- Ngai, S. *Theory of the Gimmick: Aesthetic Judgment and Capitalist Form*. Cambridge: Harvard University Press, 2020.
- Price, L. *What we talk about when we talk about books: the history and future of reading*. New York: Basic Books, 2019.
- Puar, J. K. *The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability*. Durham: Duke University Press, 2017.
- Publishnews. Alison Entrekín vence prêmio de tradução australiano. *PublishNews*, 02 maio 2019. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2019/05/02/alison-entrekín-vence-premio-de-traducao-australiano>>. Acesso em: 30 set. 2025.
- Salani, J.; Tapfuma, M. M. Artificial intelligence transforming the publishing industry: a case of the book sector in Africa. *Frontiers in Research Metrics and Analytics*, v. 10, e1504415, 2025.
- Santos, B. de S. *The end of the cognitive empire: the coming of age of epistemologies of the South*. Durham: Duke University Press, 2018.
- Sapiro, G. *The sociology of translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2016.
- Sapiro, G. Translation and symbolic capital in the era of globalization: French literature in the United States. *Cultural Sociology*, v. 9, n. 3, pp. 320–346, 2015.

Saynor, C. How to convey accessibility metadata in ONIX ahead of publication. *Book Industry Study Group (BISG)*, 29 jul. 2025. Disponível em: <<https://www.bisg.org/news/on-how-to-convey-accessibility-metadata-in-onix-ahead-of-publication>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

Silva, S. C. da. *Do Sertão a Backlands: tradução e recepção de Guimarães Rosa em 1963*. 128 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

Spjeldnæs, K.; Karlsen, F. Attention, ambivalence and algorithms: publishers in the era of ubiquitous connectivity and expanding platforms. *Media, Culture & Society*, v. 46, n. 2, pp. 292-307, 2024.

Spjeldnæs, K. Platformization and publishing: changes in literary publishing. *Publishing Research Quarterly*, v. 38, n. 4, pp. 782-794, 2022.

Thompson, J. B. *Book wars: the digital revolution in publishing*. Cambridge: Polity, 2021.

Ubaque-Casallas, D. F. Using translanguaging to decolonize English language teaching in Colombia: a narrative inquiry. *Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura*, Medellín, v. 28, n. 3, pp. 1-17, 2023.

Venuti, L. *Contra instrumentalism: a translation polemic*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2019.

Walkowitz, R. L. *Born Translated: The Contemporary Novel in an Age of World Literature*. New York: Columbia University Press, 2015.

Recebido em: 30/09/2025

Aceito em: 28/12/2025